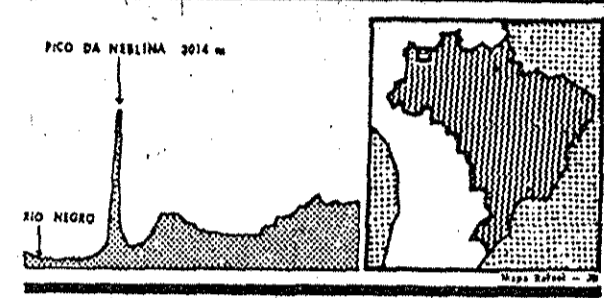
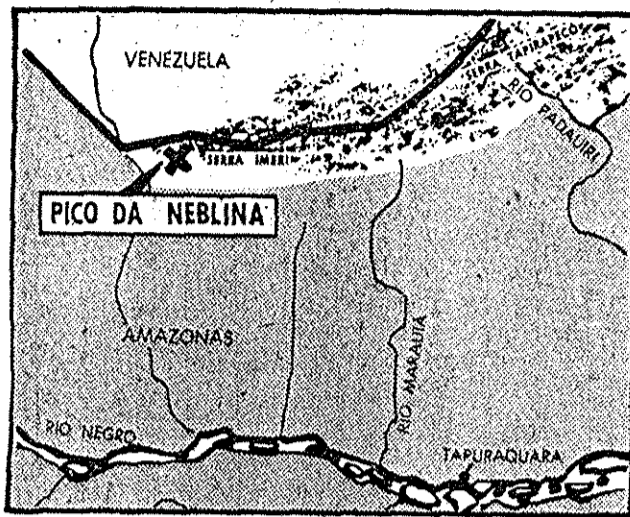


Pastor revela extermínio de índios a tiros e com açúcar contaminado

VENDA SEM LIMITES



A gang vendeu até o ponto mais alto do Brasil

“Os índios do Mato Grosso estão sendo exterminados hoje, a tiros e com açúcar contaminado com vírus de varíola e tifo”. A declaração é do pastor adventista Wesley Blevens que, em tom patético, quase revoltado, revelou que a tribo Beijo de Pau está sendo dizimada a tiros por um empregado da SUDAM — que já cortou 50 mil hectares de mato, às margens do Rio Arinos — e por caçadores que usam o açúcar envenenado.

O pastor Wesley Blevens viveu um ano e 11 meses em Campo Grande —, onde sua Igreja tem uma pequena Missão —, com sua mulher, Dona Shirley, que soube de um aluno que “o Governo estava dando aos índios arroz e feijão envenenados, há um ano e meio”. Na época era diretor do extinto Serviço de Proteção aos Índios, o Major-aviador Luís V. Nunes Neves.

EXTERMINIO EM MASSA

Em entrevista exclusiva ao JORNAL DO BRASIL, o pastor Wesley Blevens disse ontem, em sua casa na Estrada da Gávea, que, depois de viajar mais de quatro mil quilômetros no Mato Grosso, ficou convencido que “os fazendeiros estão decididos a terminar com os índios”.

E passou a relatar o caso do empregado da Superintendência do Desenvolvimento Amazônico — SUDAM — que está dizimando a tribo Beijo de Pau, que vive às margens do Rio Arinos, da localidade de Portos Gaúchos para cima, numa área sob a proteção do ex-SPI, hoje Fundação Nacional do Índio — a Gleba do Rio Arinos.

— Eu vi — disse o Pastor — que a única ferramenta que eles têm é um machado de pedra. Vivem há cerca de 3 500 anos antes de Cristo, mas os fazendeiros não toleram sua presença.

O repórter do JB perguntou ao pastor Wesley Blevens qual o motivo dos assassinatos em massa de índios.

— Eles querem a terra para plantar e cortar o mato para vender — disse. Em seguida revelou que existe, na mesma região, uma firma particular de seringueiros “que está ligada ao Banco do Brasil mas, é financiada pelo Governo da Alemanha”.

— Eles estão lá, há muitos anos, plantando seringueiras. Falei com o administrador da fazenda — explicou — e ele me disse que os índios atacaram os empregados dos seringueiros. Agora há guardas armados que têm ordem para matar os índios.

GENOCÍDIO E HOJE

O pastor Wesley Blevens chegou ao Brasil, de navio, no dia 6 de novembro de 1965. Passou três semanas em São Paulo e viajou para Campo Grande, em Mato Grosso, onde viveu até novembro do ano passado com sua mulher, Dona Shirley, e três filhos: Jody, de oito anos, Gregory, de seis e Shoni, uma menina de quatro anos.

Alto — quase 1,75 m — magro, com óculos de aros pretos, camisa xadrez e calças escuras, o pastor ficou sentado em uma cadeira de vime, na sala de seu apartamento na Estrada da Gávea, 644, falando durante uma hora e quinze minutos sobre o que viu quando viveu em Mato Grosso.

Sua mulher, uma loura magra, com cerca de 1,50m, “é pastora aqui em casa. Tem três filhos para cuidar”, explicou sorridente. Enquanto o pai fa-

lava às crianças, elas já em trajes de dormir, às vezes abriam a porta e ficavam olhando, sempre rindo. Poucas vezes Dona Shirley falou durante a entrevista, para contar o caso que ouviu de seu aluno sobre o feijão e arroz envenenados distribuídos entre os índios pelo Governo ao tempo da administração do ex-Diretor do SPI, Major-aviador Luís V. Nunes Neves.

Mais tarde, quando o repórter do JB insistiu para que o Pastor Wesley Blevens se lembrasse do nome do empregado da SUDAM que está cortando o mato às margens do Rio Arinos e matando índios a tiros, Dona Shirley confirmou a história do açúcar contaminado por vírus de varíola e tifo, dados a índios, por caçadores que vão às matas em busca de peles de jaguatiricas.

Além da tribo dos Beijo de Pau vive na mesma região, perto da confluência do Rio Arinos com o Juruena — um dos afluentes do Tapajós — uma outra tribo, cujo nome o pastor Wesley Blevens não conseguiu recordar, e que é a principal vítima dos caçadores que distribuem o açúcar mortal.

— Eles estão fazendo o que fizeram com os índios nos Estados Unidos há 100 anos — disse o pastor. Mas isso é tão terrível hoje que eu chego a preferir que os índios fiquem assim como estão, selvagens e pagãos, mas livres da exploração.

AS MISSÕES NOVAS TRIBOS

O Pastor Wesley Blevens — que tomou conhecimento das acusações do Ministério do Interior ao General Moacir Ribeiro Coelho, de ter franqueado terras interditadas pelo Conselho de Segurança Nacional aos missionários das Missões Novas Tribos — “não pode entender que eles tenham entrado em tais terras, porque lá onde estão os missionários é na região dos Xavantes e Carajás, já pacificados. A área é completamente civilizada”.

— Eles estão perto de Xavantina — explicou — e alguns em Goiás, segundo creio. Mas são gente que está arriscando até a vida para levar um pouco de fé aos índios.

E passou a contar o caso de uma missionária que vive há 30 anos entre os xavantes. E o de outra que morreu de varíola, “o mesmo método que usam para matar os índios”. Essa missionária estava tentando entrar em contato com a tribo que vive entre Portos Gaúchos e a confluência dos Rios Arinos e Juruena.

— Tentaram mandar um avião apanhá-la — explicou, em voz baixa — mas chegaram tarde. Ela estava morta”.

O Pastor Wesley Blevens terminou sua entrevista explicando que na Gleba Arinos vivem, além das duas tribos citadas, mais quatro completamente selvagens.

— Não sei se esses índios estão sendo mortos também.

TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO



O pastor Blevens viajou quatro mil quilômetros em Mato Grosso e conheceu assassinos de índios